

TRABALHADORES SE MOBILIZAM CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Paolo Perillo/ Diário do Litoral

[Por Caroline Souza]
De Santos

Os sindicatos da região reuniram os trabalhadores em manifestações contra a reforma da Previdência, durante todo o dia de ontem. As principais centrais sindicais do País cancelaram a greve nacional, por acreditarem que o presidente Michel Temer, sem votos suficientes, não votará a reforma hoje. Mesmo com o cancelamento, a Frente Sindical Classista da Baixada Santista resolveu manter os protestos.

Logo pela manhã, os petroleiros se reuniram nas unidades da Petrobras com o intuito de atrasar a entrada de trabalhadores. De acordo com a assessoria, na Refinaria Presidente Bernardes e na UTE Euzébio Rocha, em Cubatão, houve participação de 100% dos trabalhadores do regime de turno e de mais de 70% dos petroleiros do horário administrativo. No Terminal Alemoa, em Santos, a adesão foi de 100% no turno e no administrativo. E nas plataformas de Mexilhão e P-66, na Bacia de Santos, os trabalhadores atrasaram as rotinas de trabalho.

Segundo o diretor do Sindicato dos Petroleiros, Fábio Mello, não é momento de recuar ou fazer negociações. "A suspensão da mobilização nacional desarma a necessária luta contra o ataque às aposentadorias. O momento é de intensificar a luta. Temer recuou da votação, mas pretende colocá-la em pauta no dia 13", explicou.

O ato da categoria começou bem cedo, às 6 horas, e terminou às 9 horas, horários de início dos turnos.



Mesmo com o cancelamento da greve nacional, sindicatos da região decidiram manter as manifestações e mobilizar trabalhadores da Baixada Santista

Fonte: Jornal
Diário do Litoral
- 06/12/2017



Bancários

Os bancários também decidiram manter a paralisação contra a Reforma da Previdência Social. Para o ato, 15 agências bancárias do Gonzaga, em Santos, ficaram fechadas das 8 às 12h.

"Temer pretende destruir a Previdência Social e sepultar as aposentadorias, com ajuda de alguns deputados e senadores. O verdadeiro objetivo é desviar dinheiro dos trabalhadores para os rentistas, bancos e grandes empresas. Por exemplo, o Bradesco lucrrou R\$ 16 bilhões no ano passado e tem dívida de R\$ 465 milhões com a Previdência Social, assim como os grandes financistas e empresários no Brasil", afirmou Eneida Koury, presidente do Sindicato dos Bancários de Santos e Região.

Ainda pela manhã, com as agências de portas trancadas, alguns bancários se reuniram em frente à unidade do Banco do Brasil, na Avenida Ana Costa.

Protesto nas escadarias do Fórum de Santos

Dezenas de servidores da Baixada se reuniram ao meio-dia nas escadarias do Fórum de Santos, na Praça José Bonifácio, em Santos, em ato conjunto com outras categorias.

O protesto foi organizado pela Associação dos Trabalhadores do Judiciário do Estado (Assojubs), Sindicato dos Trabalhadores e Servidores Públicos do Judiciário Estadual (Sintrajus) e Federação Nacional dos Trabalhadores do Judiciário Federal (Fenajufe). E contou com o apoio do Sindicato dos Petroleiros (Sindipetro LP), Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais (Sinait), Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas, Farmacêuticas e de Fertilizantes da Baixada Santista (Sindquim), Sindicato dos Servidores Municipais de Santos (Sindserv) e Sindicato dos Metalúrgicos. Além da oposição dos Servidores Públicos de São Vicente e de Cubatão.

Os dirigentes das categorias conversaram com os servidores sobre a importância do ato e explicaram o impacto da reforma da Previdência para os trabalhadores. Nas escadas do Palácio da Justiça, os servidores seguravam faixas com os dizeres "Não ao desmonte da Previdência", "Contra a PEC 287/16" e "Nenhum direito a menos".

"Estamos denunciando a falácia da reforma da Previdência. Falam que a Previdência é deficitária e querem jogar a culpa no servidor público. Mas isso não é verdade. O servidor público virou bode expiatório", afirmou o presidente da Assojubs, Michel Iorio.

Uma das faixas estampava o rosto dos deputados da região João Paulo Papa, Beto Mansur e Marcelo Squassoni, que votaram a favor da reforma trabalhista. "Não aceitamos o roubo da aposentadoria e vamos cobrar para que os deputados da região não apoiem o retrocesso dos nossos direitos", garantiu Adilson Rodrigues, coordenador da Fenajufe.

Os servidores seguiram protestando caminhando em torno da Praça José Bonifácio. Por volta das 13 horas, voltaram a se reunir nas escadarias e terminaram a manifestação entoando: "Previdência fica. Temer sai".

Praça da Independência

O dia de mobilizações terminou com ato público, às 18 horas, na Praça da Independência, em Santos.

"O objetivo foi reunir o maior número de pessoas que se opõem às medidas do governo Temer, sejam eles trabalhadores, desempregados ou estudantes", disse Iorio. "Mesmo com o cancelamento da greve nacional, fizemos desta terça-feira um dia de luta na Baixada", finalizou.

Manifestantes fazem protesto em São Paulo

Mesmo com o cancelamento de greve geral contra a reforma da Previdência, parte dos movimentos sociais decidiu manter o protesto em São Paulo, marcado para ontem. Os manifestantes começaram a se reunir na avenida Paulista, bloqueando a via na altura do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Depois, seguiriam até a altura da Rua Augusta, onde fica o escritório da presidência da República em São Paulo. O protesto foi organizado pelas frentes Brasil Popular e Povo sem Medo, que reúnem movimentos sociais e sindicais. Estavam presentes representantes das centrais CUT, CTB e Intersindical.

Fonte: Jornal Diário do Litoral – 06/12/2017

Governo pressiona por reforma, mas base tem resistência

O presidente Michel Temer pressiona os partidos da base aliada a fecharem questão para a reforma previdenciária, mas as siglas governistas têm demonstrado resistência. Em reunião, na manhã de ontem, o peemedebista pediu empenho da equipe de governo para que os partidos da base aliada fechem questão até a semana que vem. No encontro, concluiu-se que a questão está mais adiantada no PMDB e no PTB, mas que há ainda dificuldades e resistências por parte de líderes e dirigentes dos demais partidos governistas, como PP e PR. No Palácio do Planalto, o ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, disse que cresceu a probabilidade de aprovação da reforma previdenciária, mas reconheceu que "não se tem facilidade."

Fonte: Jornal Diário do Litoral – 06/12/2017

Casos de depressão no trabalho aumentam no Brasil

Os casos de afastamento por doença do trabalho cresceram cerca de 25% entre 2005 e 2015 e atingiram 181.608 pessoas no Brasil, conforme dados do Anuário do Sistema Público de Emprego e Renda do Dieese, com base na Relação Anual de Informações Sociais (Rais). Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, até 2020, a depressão será a maior causa de afastamento do trabalho, no mundo. No Brasil a situação é gravíssima e clama por atenção dos envolvidos. Informações colhidas junto ao site do Senado Federal revelam que a depressão é hoje a segunda causa de afastamento do trabalho no território brasileiro, só perdendo para as Lesões por Esforço Repetitivo (LER), também denominados Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT). A OMS ainda aponta que a perda de produtividade em decorrência de transtornos depressivos e de ansiedade demandam gastos de 1 trilhão de dólares por ano à economia global.

Fonte: Jornal Diário do Litoral – 06/12/2017

Reprovação do Congresso atinge patamar recorde

A rejeição ao trabalho do Congresso Nacional atingiu o seu maior número na história recente. Pesquisa Datafolha realizada nos dias 29 e 30 de novembro mostra que 60% dos brasileiros consideram ruim ou péssimo o desempenho dos atuais 513 deputados federais e 81 senadores. O número oscilou dois pontos percentuais em relação aos levantamentos de dezembro de 2016 e abril de 2017, que mostravam reprovação recorde de 58%. O índice daqueles que consideram a atuação boa ou ótima caiu a 5%, também o pior número já registrado. A série de pesquisas do Datafolha sobre o desempenho dos parlamentares, iniciada em 1993, permite dizer que a atual legislatura é, na média, a mais mal avaliada. De 2015 até agora, a taxa de reprovação nunca ficou abaixo de 41%. Já a aprovação dos congressistas jamais foi maior do que 12%. A margem de erro do levantamento atual é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. Nas seis legislaturas anteriores, os resultados também foram, em geral, negativos, mas nunca com indicadores tão ruins.

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo – 06/12/2017